Participação organizativa e política na comunidade costeira tradicional da Baixinha, Taperoá/BA

Autores:
SILVA, Paulo Henrique Carvalho e (Estudante de Ciências Sociais da UFBA); pauloapara@gmail.com
ACCIOLY, Miguel da Costa (Prof. Dr. de Biologia da UFBA); acciolyufa@gmail.com
RÊGO, Jussara Cristina Vasconcelos (Doutoranda de Geografia da UFBA). jussararego@gmail.com

Introdução

A proposta deste trabalho é discutir a "participação" na comunidade costeira tradicional da Baixinha, município de Taperoá/BA, dando destaque a relação desta com a reprodução material e simbólica do grupo e com a sociedade em geral. No entanto, faz-se necessário a contextualização de como a metodologia do mapeamento biorregional se vincula à uma noção mais geral de participação no contexto da extensão universitária.

Referencial teórico-metodológico: mapeamento biorregional e a participação na extensão universitária

Historicamente podemos situar a construção da metodologia do "mapeamento biorregional" em processos de identificação e delimitação de nações indígenas no Canadá servindo para o fomento de processos de gestão e soberania territorial daquelas (ABERLEY & GEORGE, 1998). Esta metodologia articula saberes e técnicas tradicionais de uso de recursos ambientais renováveis articulando as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais e ecológicas dos modos de vida tradicionais – tomo como referência o conceito de "comunidades sustentáveis" (DIEGUES, 1992) -- com o modo sistemático, racional e verificável de conhecimento que se desenvolve através de disciplinas científicas; assim como uma formação acadêmica diferenciada para os extensionistas. Destacam-se, os princípios pedagógico da educação popular de Paulo Freire (1982) que considera a relação entre educando e educador como um ato político, dialógico e afetivo. Desta maneira, vem se produzindo processos dinâmicos de explicitação de relações tradicionais e, muitas vezes sustentáveis, entre estas comunidades e suas "territorialidades específicas" (ALMAEIDA, 2008). Cabe ressaltar que esta experiência de trabalho de extensão universitária se pauta pela construção de uma "comunidade de prática": grupo formado entre os extensionistas da universidade e da comunidade tradicional com a capacidade de sentir, refletir e avaliar as demandas que apareceram nos "grupos de trabalho", "viagens de campo", "oficinas de construção dos mapas biorregionais", "conversas informais" etc. e que se constitui pela capacidade coletiva de tratar os temas a partir de experiências práticas (SILVA, 2014). Dito isto, pode-se dizer que estes têm gerado resultados como: a) resgate das memórias sociais dos grupos comunitários; b) reconhecimento de suas territorialidades específicas; c) processos de discussão sobre problemas sócio-ambientais e possíveis soluções a estes, d) mapas biorregionais, entre outros.

Oficina do mapeamento biorregional ocorrido no primeiro semestre do ano de 2014.

Contexto do Ensino-Pesquisa-Extensão na Baixinha

O estabelecimento de uma "comunidade de pratica" foi iniciado entre o final do ano de 2012 e inicio de 2013 no contexto de construção da disciplina "ACCS Mapeamento Biorregional Participativo em Comunidades Costeiras Tradicionais" que envolveu o Programa MarSol, os estudantes matriculados na disciplina e a comunidade da Baixinha. Foram iniciados a construção de três mapas biorregionais, quais sejam:

1) "Cultura da comunidade de São Miguel",
2) "Terra viva da Baixinha",
3) "Atividades pesqueiras: o trabalho das pescadoras e marisqueiras da Baixinha".

Estes mapas expressam uma territorialidade que, além do resgate da memória social do grupo, valoriza sua história particular e o levantamento de demandas políticas para o desenvolvimento comunitário. Vale destacar que ao longo dos seguintes três (03) semestres tivemos dificuldades de realizar as oficinas na referida comunidade por três (03) motivos principais:

1) dificuldades financeiras para custear as idas a campo que ocorreram por motivo da precarização da extensão na UFBA com uma intensa burocratização para o repasse de recursos financeiros,
2) as sucessivas greves de servidores públicos federais – técnicos e docentes, ocorridas nos semestres 2013.1 e 2014.1,
3) incongruência entre os tempos disponíveis da comunidade (durante a semana) e da universidade (finais de semana).

Contudo, o contato à distância (por telefone) foi constante e o retorno para a realização da oficinas do mapeamento já foram agendadas para o final a partir deste mês de outubro de 2014.

Mapa biorregional da Baixinha – em construção

Resultados preliminares

É importante registrar que o trabalho foi desenvolvido a partir de um grupo de mulheres que participou das oficinas do mapeamento biorregional. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a participação na dimensão organizativa do grupo envolve uma rede de relações, ou mesmo uma rede de solidariedade, mediada pelo parentesco, pela vizinhança e pela necessidade de reprodução material e simbólica do grupo social dentro de um território tradicional. Também há evidencias de que esta se desenvolve, principalmente, a partir da vida paroquial de Taperoá, que mobiliza um calendário muito extenso e comum de festejos católicos populares como novenas, trezenas, etc. que acontecem durante vários meses do ano. Estes acontecimentos sociais definem padrões éticos e morais de sociabilidade como a necessidade de iniciação e participação na vida religiosa católica. As mulheres também se organizam para executar tarefas produtivas como mariscar ou mesmo trabalhar nos quintais como agricultoras familiares. A participação na dimensão política está pautada na relação com a Colônia de Pescadores (Z-53) e o Sindicato de Trabalhadores Rurais, que são acionados para dar legitimidade a pedidos de benefícios previdenciários. No entanto, ao que tudo indica, não se tem uma participação efetiva daquelas moradoras da comunidade em espaços políticos que coloque em questão políticas públicas para o desenvolvimento social da comunidade, como um Posto de Saúde, ou mesmo, uma rede de saneamento sanitário. O que foi relatado é que os projetos que chegam vem da prefeitura e não se discute com a comunidade a necessidade e efetivação da intervenção.

Referencias

ABERLEY, Doug & GEORGE, Michael. Introdução ao Mapeamento Biorregional. Tradução Rafaela dos Santos Moreira. Tsleil-Waututh, Novembro de 1998.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Terra de quilombo, terras indígenas, "babaçuais livres", "castanhais do povo", faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2.ed. Manaus, PGSCA-UFAM, 2008.

DIEGUES, Antonio Carlos S.. Desenvolvimento sustentável ou sociedade sustentável: da crítica dos modelos aos novos paradigmas, 1992. in: http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/comsust.pdf

FREIRE, Paulo. Como Trabalhar com o Povo? Transcrição de Paulo Meksenas e Nilda Lopes Penteado da Pastoral de Juventude – Setor Pastoral Vila Prudente. São Paulo, maio de 1982.

SILVA, Paulo Henrique Carvalho e, ACCIOLY, Miguel da Costa e REGO, Jussara Cristina Vasconcelos. Mapeamento Biorregional como extensão universitária: a antropologia por trás de uma "comunidade de prática". (Resumo expandido aprovado para o 6 Congresso Brasileiro de Extensão Universitária ocorrido em julho de 2014).